

## Igarapé do *Quarenta*: A reprodução do espaço e seus agentes sociais



*Karla Patrícia Palmeira Frota<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo apresenta como se deu a ocupação e a interferência humana no Igarapé do Quarenta em áreas específicas da cidade de Manaus, no Amazonas, além da reprodução desse espaço e algumas imagens do cotidiano que os seus agentes sociais trazem consigo.

**Palavras-chave:** Cidade. Agentes Sociais. Igarapé do Quarenta.

### **Abstract**

This article presents how was the occupation and human interference in Igarapé do Quarenta in specific areas of the city of Manaus, in Amazonas, and the reproduction of this space and some images of the daily that the social agents bring with them.

**Keywords:** City. Social Agents. Igarapé do Quarenta.

---

<sup>1</sup> Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: karla.ingles@bol.com.br

Manaus é a capital do Estado do Amazonas, Brasil, e está situada na microrregião denominada Médio Amazonas, na margem esquerda do rio Negro. O clima é tropical úmido, com chuvas abundantes. Seu fuso horário equivale a uma hora de atraso em relação ao horário oficial de Brasília. A paisagem é caracterizada pela presença marcante de igarapés de pequeno curso d'água que cortam a cidade.

O espaço urbano de Manaus é constituído por um sistema de colinas tabuliformes pertencentes a uma vasta seção de tabuleiro de sedimentos terciários que separam os igarapés. As formas topográficas da região de Manaus são caracterizadas por baixo planalto, com uma amplitude altimétrica que varia entre 20 a 30 metros acima do nível médio do rio Negro.<sup>2</sup>

De acordo com Oliveira (2003, p. 21) “Manaus revela, de um lado, territórios pretéritos que se caracterizam pela predominância de movimentos lentos a serviço de atividades tradicionais e, de outro, territórios novos que comportam movimentos rápidos com atividades fluidas impostas pela modernização”.

Os igarapés de Manaus apresentavam uma profundidade de 7 a 12 metros de barrancas laterais com vales que isolavam os blocos urbanos da cidade, demonstrando o vigor dos entalhes. O declínio das águas durante a estiagem transformava os igarapés em modestos ribeirões, mal conservavam sempre o nível d'água com profundidade que possibilitava a circulação de toda a sorte de pequenas embarcações, numa extensão aproximada de 2 quilômetros, a partir da barra do rio Negro. Tratava-se de um tipo especial de vias internas de água doce.

3

Historicamente, Manaus recebeu grandes levas de migrantes nordestinos e brasileiros de outras regiões, bem como imigrantes ingleses, franceses, judeus, gregos, síriolibaneses, portugueses, italianos e espanhóis, gerando um crescimento demográfico que obrigou a cidade a passar por mudanças significativas.

De acordo com Pinheiro (2000, p. 38) “no período de efervescência em Manaus, chegavam grandes contingentes de população pobre a procura de oportunidades de trabalho. Com poucos recursos viam-se compelidos a se hospedarem em hotéis de terceira categoria, para onde eram ‘arrastados’ pelos rebocadores”.

Os nordestinos tiveram suas razões para sair de suas cidades. Um dos fatores diz respeito à grande seca que assolava o Nordeste na segunda metade do século XIX. Um outro fator está associado à ilusão do enriquecimento rápido na região amazônica, em função das atividades de exploração do látex da seringueira.

Benchimol (2009) manteve um contato próximo durante quase dois anos com os cearenses que chegavam a Manaus, no período que vai de 1942 a 1944, possibilitando a coleta de centenas de entrevistas. Isto lhe permitiu documentar histórias de vida, flagelos, seus modo de vida e como eles se sentiam no momento da chegada à região.

As palavras, a força de expressão, o rico linguajar sertanejo, o passado de suas vidas, as esperanças e “frustrações de vida constituíram-se em critérios utilizados para classificar as mais diferentes categorias de tipos humanos e revelar diferentes estados d’alma, sentimentos de revolta, desespero, mágoa, afeição, sofrimento e arrependimento, mas também, fé, esperança, coragem, fascínio e redenção” (BENCHIMOL, 2009, p. 207).

O autor elenca setenta e sete perfis e tipos humanos daqueles personagens-migrantes para compor uma antologia social, cultural e psicológica desses retirantes.

Com a implantação da Zona Franca, em 1967, a cidade cresceu vertiginosamente. Atraiu milhares de migrantes que ocuparam de forma desordenada a periferia da cidade. Silva (2010, p. 148-149) considera que, “com a criação da ZF, Manaus experimentou uma nova fase de crescimento demográfico,



atraindo particularmente migrantes do interior do Amazonas, de outros Estados das regiões Norte e Nordeste”, possibilitando o aumento crescente e desordenado do número de habitantes em Manaus. Para tanto, o IBGE (2010) aponta o número de 1.802.525 habitantes na cidade.

De acordo com Pinheiro (2000, p. 53) “boa parte desses migrantes acabava a meio caminho, engrossando as fileiras de elementos pauperizados que vagavam sem rumo pelas cidades do *cantebo*, imprimindo-lhes sua marca, fazendo com que Manaus fosse perdendo um pouco de sua fisionomia tapuia”.

A capital amazonense passou a sentir os diferentes e crescentes impactos dessa ocupação irracional. Novos bairros foram surgindo sem nenhuma infraestrutura, sem saneamento básico, sem água encanada, sem esgotos, sem qualidade mínima de vida e condizente com a condição humana.

Com a interferência humana de forma inadequada nesses lugares, surgem problemas como a alteração nas águas dos igarapés, causada por lixo lançado constantemente no seu leito poluindo-as e tornando-as imprestáveis para qualquer uso. O verde é subtraído dessas áreas, animais silvestres são extintos, tanto pela perda de seu habitat natural, como pelas queimadas.

Em algumas partes da cidade que foram atingidas por essas ocupações, é possível percebermos áreas desmatadas que modificam bruscamente o ambiente natural, provocando alterações climáticas. Surgem as construções de barracos, casebres e outras improvisações de moradia (palafitas) com alto risco de desabamento devido à construção precária, sem nenhuma segurança aos moradores.

A grande maioria das pessoas migra para outro lugar sempre em busca de melhores condições de vida. Essa população específica vinda não só do interior do Estado do Amazonas, mas também de outros Estados vão formando na

cidade uma espécie de aglomerado humano em torno de uma área, que geralmente são as calhas de igarapés.

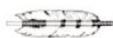
O termo igarapé significa braços estreitos de rios. Os rios, conforme Tocantins (1968), comandam a vida na região, ou seja, não só são o símbolo maior da região das águas como também possuem uma função social expressiva na vida dos habitantes locais com suas leis de enchente e vazante das águas. O rio está instituído no imaginário social como um bem. Como diz Bachelard (1997, p. 119), “se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. Todas as formas de amor recebem um componente do amor por uma mãe”.

Morar às margens do igarapé é culturalmente significativo na medida em que o regime das águas está instituído na memória daquelas pessoas. Os rios têm cânones sociais, não só é o lubrificante do organismo, como também rege as relações sociais.

O autor complementa, afirmando que “a água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe. [...]. É ao pé da água, é sobre a água que se aprende a vagar sobre as nuvens, a nadar no céu. [...]. A água convida-nos à uma viagem imaginária” (BACHELARD, 1997, p. 136-137).

Os moradores das áreas de igarapés ficam perto da água porque eles lembram dos seus locais de origem. O rio está muito ligado às suas vidas, imbricado na tríade natureza/ sociedade/ cultura. Para Tocantins (1968, p. 306),

O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da Geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos



na vida regional. [...]. Os rios asseguram a presença humana, embelezam a paisagem, fazem girar a civilização – comandam a vida no anfiteatro amazônico.

O rio é uma espécie de continuação do viver dessas pessoas na área ribeirinha. É por isso que, quando o Poder Público local retira as populações das áreas de igarapés, algumas pessoas acabam voltando para aquelas áreas mesmo vivendo em péssimas condições, porque querem ficar perto do rio, perto da água.

Com isso, a cidade vai engendrando problemas do ponto de vista urbanístico (da sua estrutura urbana), não só porque os barracos e as palafitas enfeiam a cidade, mas também porque é gerador de doenças, é algo degradante, a qualidade de vida dessas pessoas fica comprometida, além dessa população comprometer o meio ambiente sujando as águas, derrubando ou retirando a vegetação local (a vegetação nativa). São problemas sociais de várias ordens que surgem no processo de ocupação das áreas degradadas.

Com uma população alcançando o patamar de dois milhões de habitantes, Manaus chega à posição de sétima cidade mais populosa do Brasil, depois de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza e Belo Horizonte.

Dos dados oficiais de 1.802,525 habitantes (IBGE / 2010), 50,4% da população são homens e 49,6% são mulheres; e 99,36% vivem na área urbana e 0,64% na área rural. O crescimento populacional de Manaus é superior à média das capitais brasileiras, crescendo 10% acima da média. A maior parte da população encontra-se nas regiões norte e leste da cidade, sendo a Cidade Nova o bairro mais populoso, com mais de 300 mil moradores.<sup>4</sup>

O rápido crescimento populacional de Manaus não foi acompanhado pelos investimentos em infra-estrutura necessária, nem por controle do uso e da ocupação do solo. A ausência de políticas de moradia urbana acessíveis, principalmente para as populações de baixa renda, provocou a aparição de

assentamentos informais com moradias precárias e sem titularidade do solo sobre áreas ambientalmente vulneráveis, como é o caso das margens dos igarapés.

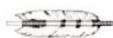
De acordo com Rodrigues (1988, p. 51), “morar é uma das necessidades básicas assim como comer, vestir. [...]. As quantidades de artigos ou de meios de subsistência que são julgados necessários em cada período são condicionados historicamente. A moradia, em qualquer período histórico, é considerada uma necessidade vital”.

A cidade de Manaus é entrecortada por mais de 130 igarapés cuja extensão alcança mais de 200 km distribuídos em 13 Bacias, abrigando cerca de 800 mil habitantes. As principais dessas bacias hidrográficas são os igarapés de São Raimundo e Quarenta. Nessa última, a mais densamente povoada, vivem cerca de 580.000 habitantes ocupando a área mais antiga e central da cidade.

A área da Bacia Hidrográfica de Educandos é entrecortada por uma vasta rede de drenagem<sup>5</sup>. Os canais dos principais igarapés como o Quarenta, Mestre Chico, Bittencourt, Manaus e Cachoeirinha drenam para o rio Negro, e esses canais, além de alguns outros, complementam o quadro hidrográfico local.

Importante chamar a atenção para o fato de que a expansão da cidade de Manaus, a partir da segunda metade do século XIX, impulsionada pela economia gomífera, foi um dos fatores condicionantes da extinção de muitos igarapés<sup>6</sup> ou canais<sup>7</sup> existentes em Manaus. Os igarapés representavam um obstáculo ao avanço urbano.

Nessa época conhecida como *Belle Èpoque* iniciaram as primeiras intervenções nos igarapés. Com a instalação da Zona Franca de Manaus, na segunda metade do século XX, os igarapés também representaram um obstáculo, dessa vez não mais por impor limites físicos à cidade, mas por abrigar nas suas margens os migrantes que vieram para o trabalho na indústria.



Silva (2010, p. 149) assinala que “essa cidade continua atraindo migrantes internos, em sua maioria, do interior do próprio Estado para vários setores da sua economia, porém, com menor intensidade que em décadas anteriores e, cada vez menos, para a atividade industrial”.

Na pesquisa realizada junto aos moradores do Igarapé do Quarenta, aparecem locais diversos de procedência desses moradores, oriundos do interior do Amazonas como Carauari, Parintins, Maués, Presidente Figueiredo, Autazes, entre outros. O fato instigante é que esses informantes são jovens, adultos e idosos, o que mostra ser o movimento migratório intenso e pujante ainda nos dias atuais.

Apesar de a maioria dos adolescentes e jovens entrevistados vir da capital de nossa cidade, ainda assim, podemos dizer que há uma presença bem expressiva daqueles que são oriundos da zona interiorana de nosso Estado.

Esse êxodo migratório se justifica, em parte, pelo fato de essas pessoas buscarem melhores condições de vida na capital. A Zona Franca é responsável por despertar nos habitantes da região o deslocamento para Manaus, os quais chegam com a ânsia de aqui encontrar uma vida melhor. Esses migrantes acabam ‘engrossando’ os bolsões de pobreza, morando às margens dos igarapés. A ausência de saneamento básico provocou a poluição das águas e a exposição dessas pessoas a diversas doenças.

Os igarapés sempre foram considerados áreas sem valor para a especulação imobiliária, mas não para os migrantes que encontraram neles o lugar ‘ideal’ para suas moradias. Essa situação aprofundou ainda mais a degradação de seus recursos hídricos.

A ocupação destas zonas de alta vulnerabilidade acarreta grande problema ambiental, social e urbanístico para a cidade. Gera externalidades negativas para a área central (inundação, maus odores, mosquitos e roedores) resultando na

deterioração e abandono das áreas vizinhas com a consequente perda de ativos públicos e de valor imobiliário, promovendo a degradação das edificações e dos espaços públicos nas proximidades.

O processo de ocupação de terras em Manaus é acompanhado pela ação de retirada da cobertura vegetal nativa. Este procedimento gera uma série de consequências para o sistema ambiental local, aumentando o poder erosivo das águas pluviais nos terrenos pela perda da proteção natural do solo, tornando-os mais vulneráveis à erosão.

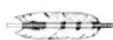
A retirada dessa cobertura vegetal nativa permite a rápida lavagem do material superficial e consequente carreamento do mesmo para o fundo do vale, causando, muitas vezes, o assoreamento dos canais de drenagem.

As cidades constituem-se no palco das relações existentes entre seus moradores e suas vivências. Homens e mulheres precisam cuidar do ambiente onde se inserem, pois isso contribuirá para a construção de uma cidade saudável e com a participação de todos.

O espaço é uma dimensão universal enquanto que o lugar comporta uma dimensão mais particularizada. Harvey (2004, p. 222) assinala que “o novo urbanismo deseja pensar as regiões como um todo e buscar a realização de um ideal bem mais holístico e orgânico com respeito ao caráter que podem ter cidades e regiões”. Conforme o autor, esse urbanismo está relacionado ao fato de se tentar transformar grandes cidades em aldeias urbanas.

O autor chama a atenção para “a figura da cidade como fulcro da desordem social, do colapso moral e do mal irredimido [...]. Também tem seu lugar no conjunto de sentidos metafóricos que a palavra ‘cidade’ presentifica em nosso universo cultural” (Ibidem, 2004, p. 207).

E acrescenta:



A cidade é também lugar de ansiedade e de anomia. É o lugar do estranho anônimo, da subclasse [...], espaço de uma incompreensível alteridade [...], o terreno da poluição e de terríveis corrupções, o lugar dos condenados que precisam ser encerrados e controlados, o que torna ‘cidade’ e ‘cidadão’ politicamente opostos na imaginação pública na medida mesma de sua ligação etimológica (HARVEY, 2004, p. 209).

Ao apresentar algumas falas dos sujeitos de nossa pesquisa, registramos os dados de uma moradora, de 38 anos, sobre a precariedade dos serviços que são prestados à comunidade: “a água é encanada. Mas a água vai embora todo dia. A partir das 11 horas da manhã, ela vai embora, e só chega 4 horas da tarde, 5 horas” (J.D.S.P., entrevista / 2011). E sobre o maior problema que os moradores enfrentam ela acrescenta:

Bem, o maior problema é a água, né? A gente sofre muito pela água, porque olha num caso desse, numa quentura dessa você quer tomar um banho, aí, não tem água. Só tem água parada e essa água parada causa doença. Então, é difícil. Esse é o problema. (J.D.S.P., entrevista / 2011).

Para Lefebvre (2001) o direito à cidade não se refere apenas à natureza, mas à vida urbana renovada e transformada. O espaço urbano dentro da perspectiva do direito à cidade é muito mais amplo do que somente morar na cidade. O direito à cidade tem que estar relacionado com todos os outros direitos inerentes às necessidades do ser humano.

Conforme Oliveira (2003, p. 30), “compreender o espaço urbano significa identificar não apenas os mecanismos que colocam em funcionamento o sistema social, mas também as várias dimensões por meio das quais o sistema social se espacializa na cidade.”



A microbacia do Igarapé do Quarenta comporta uma área com aproximadamente 38 km de extensão, uma largura média de 6 metros e profundidade média de 50 cm, a qual constitui-se como a principal formadora da bacia hidrográfica de Educandos, que possui uma área total aproximada de 4.320 hectares.

A microbacia do Quarenta está localizada entre os paralelos 3°04'16.95" e 03°08'83.51", e meridianos 59°55'62.35" e 60°01'31.42". O seu leito, em relação ao sítio da cidade de Manaus, corre de nordeste para sudoeste e se encontra com os igarapés da Cachoeirinha e do Mestre Chico, que juntos formam a bacia hidrográfica de Educandos que deságua no rio Negro.

A bacia hidrográfica de Educandos, que possui uma área de 44.87 km<sup>2</sup>, da foz até a Av. Presidente Castelo Branco, nas proximidades da Av. 7 de Setembro, recebe a denominação de Igarapé de Educandos, e a partir desse limite até a nascente no bairro do Zumbi, a nordeste da cidade, é denominada de Igarapé do Quarenta.<sup>12</sup>

No que se refere à água do igarapé do Quarenta, “a sua característica natural corresponde aos rios de água preta” (OLIVEIRA e SOUZA, 2003, p. 84).

Ao serem perguntados sobre o tempo de moradia na área do Igarapé do Quarenta obtivemos o seguinte quadro: um morador, de 36 anos, revelou: “morei na margem do Igarapé do Quarenta por 33 anos”. (R.S.D.S., entrevista / 2011).

Uma outra moradora, de 77 anos, também afirmou ter vivido muitos anos na área do Igarapé do Quarenta: “Ih, eu morei 37 anos” (M.L.P., entrevista / 2011). Ressaltou o fato de que antes desse período viveu no interior do Estado, no município de Itacoatiara de onde se deslocou para Manaus.

Uma outra moradora, de 38 anos, afirmou: “ eu morei lá 35 anos, desde quando eu nasci”. (J.D.S.P., entrevista / 2011). Conforme Oliveira (2000, p. 191) “o espaço não é um produto qualquer, mas um produto das relações concretas do



homem em sociedade no transcurso de seu processo de humanização. Este processo ocorre a partir da prática sócio-espacial que o homem vai construindo ao longo do processo histórico”.

Outra informante de 48 anos revela que morou pouco tempo na área do Igarapé do Quarenta: “morei três anos”. (M.C.D.C.O., entrevista / 2011). Essa moradora revelou também que antes desse período viveu no interior do Estado, no município de Maués, seu lugar de origem.

Observa-se que há uma variação de tempo de moradia às margens desse Igarapé, o que demonstra o fato de a migração constituir-se num movimento incessante. Manaus recebe constantemente levas e levadas de pessoas. Para Oliveira (2000, p. 126) esse fenômeno demonstra que “o migrante vem com o sonho da terra, trabalho por conta própria, liberdade e autonomia. Quando consegue pelo menos a terra reluta em continuar migrando”.

Nosso campo de pesquisa abrange duas áreas distintas que são espaços que comportam o Igarapé do Quarenta, a saber: o Parque Residencial Professor José Jefferson Carpinteiro Péres, no trecho que está situado entre a Ponte Juscelino Kubitschek e a Avenida Maués, do lado direito da margem desse igarapé; e o Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho, no trecho situado entre a mesma ponte e a mesma avenida, mas do lado esquerdo da margem desse igarapé.

O Parque Residencial Professor José Jefferson Carpinteiro Péres está situado no bairro do Morro da Liberdade, e o Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho está localizado no bairro da Cachoeirinha, ambos na Zona Sul da cidade e transpassados pelo Igarapé do Quarenta.

As áreas pesquisadas contêm a seguinte infraestrutura: área verde, bancos, rampas e escadas de concreto, estacionamentos, área de ginástica, praças, área de recreação infantil, sistema viário, rede de distribuição de água potável, rede de



distribuição elétrica de alta e baixa tensão, sistema de esgotamento sanitário e estação elevatória de esgoto.

Após o processo de revitalização do Igarapé do Quarenta nessas áreas pesquisadas, cada prédio habitacional possui um bloco com 06, 12 ou com 24 residências. O padrão de habitação em relação ao seu gabarito só pode chegar até três pavimentos em função da densidade requerida e da capacidade de carga do solo em que a mesma foi assentada.

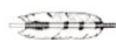
O modelo-padrão de construção corresponde ao modelo de alvenaria tradicional. As moradias são construídas com material cerâmico adquiridos no local, obedecendo às normas no tocante ao número e ao tamanho dos cômodos, a saber: dois quartos, uma sala de estar, uma cozinha, um banheiro e uma área de serviço, a qual dispõe de uma área útil de 54m<sup>2</sup>.

Um dado interessante que deve ser registrado é o fato de o Estado do Amazonas, com o financiamento do BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, ter implementado uma política urbanística de revitalização dos igarapés conhecida como PROSAMIM.

O PROSAMIM é um programa de intervenção do Estado do Amazonas de revitalização ambiental e urbana que possui uma atuação direta nos igarapés da cidade. O Programa é voltado para a resolução de problemas socioambientais na cidade de Manaus com foco na urbanização e conseqüente retirada dos moradores das áreas urbanas degradadas do entorno dos igarapés.

O Governo deu início às obras em março de 2006, e já concluiu a primeira fase de suas ações. Atualmente, encontra-se em fase de assinatura do segundo financiamento para assegurar a continuidade do Programa no restante da Bacia do Educandos e início da Bacia do São Raimundo.<sup>14</sup>

Esse Programa urbanístico foi concebido mediante uma ampla articulação institucional envolvendo órgãos estaduais, municipais, federais, o Governo do Estado do



Amazonas, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), a sociedade civil organizada e a CEF (Caixa Econômica Federal).

O ciclo de reassentamento obedeceu as seguintes fases: 1) casa identificada no igarapé; 2) é realizado um cadastro físico territorial; 3) entrega da documentação do imóvel e de seu titular; 4) reuniões informativas sobre o processo de remanejamento; 5) mudança dos benefícios para a moradia transitória; 6) visita na obra com beneficiários de Unidade Habitacional; 7) escolha da unidade habitacional; 8) recebimento do título definitivo da Unidade Habitacional; 9) recebimento da chave da casa nova; e, 10) acompanhamento de pós-ocupação nos Parques Residenciais.<sup>15</sup>

O financiamento de recursos do BID para a área urbana em nosso país é pautado na diretriz do desenvolvimento dos chamados países emergentes, como é o caso do Brasil.

Dentre os Planos e Programas apresentados no EIA/RIMA do PROSAMIM, estão o Plano de Reassentamento, Desapropriação e Readequação; Programa de Controle de Processos Erosivos; Programa de Controle de Vetores; Programa de Educação Ambiental (PEA); Plano de Contingência para Situação de Incêndios, Plano de Contingência de Enchentes, dentre vários outros.

O Programa pretende promover o saneamento, o desassoreamento e a utilização racional do uso do solo às margens dos igarapés, associada tanto à manutenção do desenvolvimento socialmente integrado e do crescimento econômico ambientalmente sustentável.

Algumas áreas sofrerão a intervenção direta do Programa – Área de Influência Direta (AID) – que são aquelas em que se darão a maioria das intervenções, em especial as soluções de engenharia para macro e micro-drenagem, água e esgotamento sanitário, sistema viário, habitação e urbanismo.<sup>16</sup>

Para Oliveira (2003, p. 29),

O processo de produção da paisagem urbana é contínuo e descontínuo no espaço e no tempo. O contínuo-descontínuo



afeta as relações sociais que se concretizam em espacialidades. Ao longo do processo de desenvolvimento urbano, algumas formas desaparecem, outras se transformam e/ou são recuperadas, passando a ter novos conteúdos, embora não percam algumas das características pretéritas.

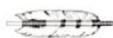
Distingue-se na Bacia Hidrográfica de Educandos duas unidades de ocupação urbana: dos bairros densamente povoados e a do Distrito Industrial de Manaus. A Bacia contém uma área onde se concentra a maior parte das atividades industriais da cidade, predominantemente no Distrito Industrial, na área da Suframa, estendendo-se até os bairros de Educandos, Colônia Oliveira Machado e Japiim.

Com a implantação do Programa, estão sendo beneficiadas diretamente aproximadamente 21.326 famílias ribeirinhas, totalizando cerca de 102.365 habitantes. Deste universo, cerca de 35.827 habitantes moram em situação de alto risco. De forma indireta, toda a população da Bacia do Educandos ganhará em qualidade de vida com a melhoria das condições ambientais, sanitárias e urbanísticas. Este ganho será extensivo aos habitantes de Manaus que passarão a usufruir de uma cidade mais humanizada.<sup>17</sup>

O Programa estimula a participação da comunidade como uma estratégia no campo social para assegurar o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida da população que mora no entorno dos igarapés de Manaus. A participação da comunidade ocorre em forma de consulta pública como ação direta.

Um morador, de 55 anos, ao ser inquirido sobre sua condição de moradia no Igarapé do Quarenta antes da atual reforma urbanística, relatou que “lá era muito difícil. Nós morávamos num beco muito pequeno, muito feio. O Igarapé era horrível, cheio de bichos e próximo a uma bocada de fumo, uma boca de fumo. Horrível. É, nisso foram 48 anos nesse sofrimento” (A.F.L., entrevista / 2011).

Para uma mulher moradora, de 38 anos, quando solicitada a falar sobre como era a sua vida social antes de morar no Igarapé do Quarenta com a atual reforma urbanística, ela respondeu: é “a mesma coisa como daqui. Não mudou nada pra mim. (J.D.S.P., entrevista / 2011).



Já para uma mulher, de 49 anos, falar sobre seus tempos idos e vividos no Igarapé do Quarenta antes da reforma atual significa não apenas lembrar do espaço dividido, mas também de seus amigos de vizinhança, com os quais partilhava o ambiente, as esperanças, as ilusões e as desilusões. Vejamos: “lá era bom. A vizinhança, todo mundo era unido. E o espaço não tinha muito não. Tinha uma casinha uma do lado da outra” (E.F.R., entrevista / 2011). De acordo com Morin (2009, p. 51),

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas.

A percepção e a representação dos moradores adultos aparecem de formas distintas. É notável perceber que, ao relatarem esses fatos, sempre se mostraram muito envolvidos com um passado que se distancia há alguns anos. Para alguns deles, foram bons e velhos momentos vividos juntos aos seus familiares, vizinhos e amigos.

Para Santos (2006, p. 41), “a cultura passa, assim, a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material”. Essa realidade social pode ser vista aqui como o relato desses moradores composto por diversos fragmentos lembrados e constituintes de uma história individual e em coletividade.

Todos temos memórias recentes ou antigas sobre um lugar. É um exercício de lembrar de fatos pretéritos juntamente com uma relação subjetiva entre o que vivemos e o que guardamos conosco. A memória aparece como uma construção feita pelo sujeito a partir de coleções de fatos, acontecimentos e experiências vivenciadas, que auxiliam nas recordações de vida.

Nora (1993, p. 9), assinala que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. E, assim, ela é composta de pontos de referência que são ao mesmo tempo materiais e simbólicos. A memória social sustenta-se nas lembranças



coletivas permitindo sua transmissão. Essa memória é também simbólica porque contém acontecimentos e experiências vividos.

Sem dúvida ainda há muito para Manaus tornar-se uma cidade completamente desenvolvida, sobretudo no que diz respeito à qualidade de vida de sua população. Porém, não podemos deixar de reconhecer seu crescimento, saltos urbanísticos e infraestruturais importantes nos últimos tempos.

## Notas

<sup>2 e 3</sup> Ver a esse respeito o livro *A cidade de Manaus*, de Aziz Ab'Saber (1953).

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.wikipedia.com.br>. Acesso em 15 de agosto de 2011.

<sup>5</sup> Disposição dos canais naturais de drenagem de uma certa área. Traçado produzido pelas águas que escorrem e modelam o solo.

<sup>6</sup> O termo igarapé vem do Tupiguarani e significa cursos d'água, braços estreitos de rios ou canais existentes em grande número na bacia da Amazônia.

<sup>7</sup> Conduto aberto artificial. Curso d'água natural ou artificial, claramente diferenciado, que contém água em movimento contínuo periodicamente ou então que estabelece interconexão entre duas massas de água.

<sup>8</sup> Refere-se ao processo de desagregação do solo e transporte dos sedimentos pela ação mecânica da água dos rios (erosão fluvial), da água da chuva (erosão pluvial).

<sup>9</sup> Refere-se ao termo usado para designar os tipos ou formas de vegetação natural ou plantada que recobrem uma certa área ou terreno.

<sup>10</sup> Parte das informações aqui apresentadas foi obtida da UGPI (Unidade de Gerenciamento do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus).

<sup>11 e 12</sup> Ver a esse respeito o livro *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*, organizado por José Aldemir de Oliveira et. al (2003).

<sup>13</sup> Em 14 de abril de 2005, por meio da Lei-Delegada n.º. 2, o Governo do Estado do Amazonas criou o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM). E, em 29 de julho de 2005, por meio da Lei-Delegada n.º. 57 foi criada a Unidade de Gerenciamento do PROSAMIM - a UGPI.

<sup>14, 15, 16 e 17</sup> Parte das informações aqui apresentadas constam do RIMA (2004) do PROSAMIM e UGPI (2011).



## Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. *A cidade de Manaus: primeiros estudos*. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 1953.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Coleção Tópicos). 202 p.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação social e cultural*. 3ª ed. Manaus: Valer, 2009.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 128 p.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, Vol. 10, p. 7-28, dez., 1993.

OLIVEIRA, José Aldemir de. e SOUZA, Nilciana Dinely de. O espaço urbano e a produção de moradia em áreas inundáveis na cidade de Manaus: o igarapé do Quarenta. In: OLIVEIRA, José Aldemir de (Org). *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*. Manaus: EDUA, 2003. pp. 83-84.

OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades na selva*. Manaus: Valer, 2000.

\_\_\_\_\_. *Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus - 1899-1925*. 2ª ed. Manaus: Edua, 2000.

RODRIGUES, Moysés Arlete. *Na procura do lugar o encontro da identidade. Um estudo do processo de ocupação de terras*. Osasco, São Paulo: 1988.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006. 95 p.

SILVA, Sidney Antonio da. *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus, Edua, 2010. 346 p.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1968.

## Documentos Consultados

IBGE. *CENSO DEMOGRÁFICO 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRA ESTRUTURA – SEINF. *RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL – RIMA*. Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM. Manaus, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA – SEINF. *PROSAMIM e PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA – UMA PROPOSTA DEMOCRÁTICA*. Unidade de Gerenciamento do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (UGPI). PROSAMIM. Manaus, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA – SEINF. *RELATÓRIO SOBRE O PROGRAMA*. Unidade de Gerenciamento do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (UGPI). PROSAMIM. Manaus, 2004.

